

DISCURSO NA CONFERÊNCIA OPERÁRIA DO BAIRRO DE PRÉSNIÁ

**Vladimir Ilitch Lénine
1918**

14 Dezembro 1918

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, 1986, t4, pp 116-127
Traduzido das Obras Completas de V.I. Lénine
5ªEd. russo t.37, pp. 370-385

Camaradas, permiti que me refira a algumas questões inscritas para hoje. A primeira é a questão da situação internacional e a segunda é a da atitude em relação aos partidos democráticos pequeno-burgueses.

Gostaria de dizer algumas palavras acerca da situação internacional. Sabeis que presentemente o imperialismo anglo-franco-americano anunciou uma grande campanha contra a República Soviética da Rússia. Os imperialistas desses países fazem propaganda contra Rússia entre os seus operários, acusando os bolcheviques de se apoiarem numa minoria e de maltratarem a maioria; dado que a imensa maioria dos órgãos de imprensa da França e da Inglaterra se encontra nas mãos da burguesia, a mentira contra o governo soviético cresce ali rapidamente e sem obstáculos. E é por essa razão que uma fábula tão ridícula e tão absurda, segundo a qual os bolcheviques se apoiariam na Rússia numa minoria da população - fábula que nem sequer é refutada, de tal modo ela é absurda para quem quer que observe o que se passa no nosso país -, essa fábula nem sequer chama a atenção. Mas quando lemos os jornais da Inglaterra, da França e da América - diga-se de passagem que nos chegam exclusivamente jornais burgueses - vemos que a burguesia ainda hoje difunde essas fábulas.

No nosso país estão privados do direito de voto e do direito de participar e de influir na vida política apenas os exploradores, aqueles que vivem não do seu trabalho, mas explorando os outros. O número dessas pessoas é insignificante na massa total da população. Podeis imaginar quantas pessoas exploram trabalho assalariado nas cidades. Actualmente a propriedade privada da terra está abolida. Os latifundiários foram privados das suas propriedades, e foram tiradas as terras aos *ótrubniki*¹, que já no tempo de Stolípine roubavam os camponeses, e nos campos o número de exploradores do trabalho alheio é extremamente insignificante. Mas o poder soviético não lhes diz que lhes retira o direito de voto. Ele diz: nós reconhecemos o direito a participar na administração a todos aqueles que querem cessar a exploração do trabalho alheio. Se queres ser operário, sê bem-vindo. Se queres ser explorador, nós não só não toleraremos nem elegeremos tais pessoas como também não as alimentaremos com o trabalho alheio.

E esta base da nossa Constituição mostra já que o poder soviético se apoia naqueles que trabalham, lhes dá o direito de organizar a vida estatal, que ele se apoia na imensa maioria, na esmagadora maioria da população. Cada congresso dos soviets - houve já seis no total - cada congresso mostra-nos que os representantes dos operários, dos camponeses e dos soldados do Exército Vermelho, os representantes da maioria da população, que vive do seu trabalho e não do trabalho alheio, constituem a base cada vez mais sólida do poder soviético. O I Congresso dos Sovietes realizou-se em Junho de 1917, quando a Rússia era uma república burguesa e travava uma guerra imperialista. Foi nesse mês de Junho em que Kérenski lançou as tropas numa ofensiva e matou milhões de homens nos combates. Nesse congresso, os comunistas ou bolcheviques eram apenas 13%, ou seja, a sétima parte. No II Congresso dos Sovietes, que deu início ao poder operário-camponês, os bolcheviques eram já 51%, metade, e no V Congresso, que se realizou em Julho deste ano, os bolcheviques eram já 66%. Já então os socialistas-revolucionários de esquerda, vendo como o bolchevismo crescia e se desenvolvia depressa, lançaram-se na sua aventura e em consequência cindiram-se por completo. Dessa cisão surgiram três partidos diferentes, e o último desses partidos, o dos populistas-comunistas, passou para os bolcheviques, e toda uma série de personalidades destacadas como Kolegáev passaram também para o partido dos bolcheviques.

No VI Congresso dos Sovietes os bolcheviques eram 97%, isto é, quase todos os representantes dos operários e camponeses de toda a Rússia. Isto mostra como a imensa maioria dos trabalhadores se une agora em torno do poder soviético, até que ponto é ridícula e absurda essa fábula mentirosa e essa afirmação da burguesia segundo a qual os bolcheviques se apoiariam na minoria da população. Essa burguesia mente assim para que os 17 000 milhões da dívida do governo tsarista aos

1 *Ótrubniki*: camponeses que de 1906 a 1917 receberam em propriedade pessoal lotes da terra comunitária (*ótrub*). Esta medida visava a expansão dos *kulaques* (N. Ed.)

capitalistas, esses 17 000 milhões que nós anulamos e que recusamos (nós não estamos dispostos a pagar por eles, pelos anteriores governantes - nós reconhecemos que essas dívidas existiram e dizemos: muito bem, vós contraístes essas dívidas, pagai-as), os aliados querem descarregar essa dívida sobre nós e restaurar o poder dos latifundiários, o poder tsarista. Nós sabemos o que eles fizeram em Arkhánguelsk, em Samara e na Sibéria. Aí, mesmo os mencheviques e os socialistas-revolucionários de direita, que eram nossos adversários depois do tratado de paz de Brest e pensavam que a nossa esperança na revolução alemã não se realizaria, se convenceram de que eles próprios eram expulsos e de que os latifundiários e a propriedade privada eram restaurados com a ajuda das tropas inglesas e checoslovacas.

Em Inglaterra e em França, por mais que os jornais locais tenham ocultado a verdade, apesar de tudo agora ela abre caminho. Os operários sentem e compreendem que a revolução na Rússia é a sua revolução, a revolução operária, socialista. E mesmo na Inglaterra e na França vemos agora o movimento operário com as palavras de ordem: «Retirem as tropas da Rússia!», «Quem faz a guerra contra a Rússia é criminoso!» Em Londres realizou-se há pouco um comício de socialistas na Sala Albert, e então as informações que recebemos, apesar de todos os esforços do governo inglês para não deixar passar a verdade, essas informações dizem que no comício foi feita a reivindicação «Retirem as tropas da Rússia!», e todos os dirigentes operários declararam que a política do governo inglês é uma política de pilhagem e de violência. E há informações de que MacLean - que foi professor na Escócia - nas regiões mais industrializadas da Inglaterra exortou os operários à greve, dizendo que esta guerra é uma guerra de pilhagem. Já então ele foi metido na prisão. Agora meteram-no na prisão uma segunda vez. Mas quando o movimento revolucionário eclodiu na Europa, MacLean foi libertado e apresentado como candidato ao parlamento em Glasgow, uma das maiores cidades da Inglaterra do Norte e da Escócia. Isto mostra que o movimento operário inglês, com as suas reivindicações revolucionárias, se torna cada vez mais forte. O governo inglês foi forçado a libertar Maclean, seu inimigo mais feroz, que a si próprio se intitula bolchevique inglês.

Em França, onde ainda hoje os operários estão dominados pelo chauvinismo, onde se acredita que a guerra é feita apenas para a defesa da pátria, cresce o espírito revolucionário. Agora que a Inglaterra e a França venceram os alemães, sabeis que elas lhes impuseram condições cem vezes mais duras que as condições do tratado de paz de Brest. A revolução na Europa torna-se agora uma realidade. Os aliados, que se gabavam de levar à Alemanha a liberdade do Kaiser e do militarismo, caíram no papel desempenhado pelas tropas russas do tempo de Nicolau I, quando a Rússia era um país tenebroso, quando Nicolau I enviou as tropas russas para estrangular a revolução húngara². Isso aconteceu no tempo da servidão, há mais de 60 anos. E agora a Inglaterra e outros países livres transformaram-se em carrascos e pensam que têm o poder de estrangular a revolução e fazer calar a verdade; mas essa verdade vencerá todos os obstáculos tanto na França como na Inglaterra, e os operários compreenderão que os enganaram e que os arrastaram para a guerra não pela libertação da França ou da Inglaterra, mas para pilhar um país estrangeiro. Em França, no partido socialista³, que até agora pertenceu ao número dos partidários da defesa da pátria, temos agora informações de que ali simpatizam ardentemente com a república soviética e protestam contra a intervenção das tropas na Rússia.

2 Trata-se do envio pelo tsar Nicolau I de tropas russas para ajudar o imperador austríaco a esmagar a revolução húngara de 1848-1849.

3 O Partido Socialista Francês foi fundado em 1905 como resultado da unificação do Partido Socialista de França, dirigido por Jules Guesde, e do Partido Socialista Francês, dirigido por Jean Jaurès. Na direção do partido unificado encontravam-se os reformistas. No princípio da guerra mundial imperialista, a direção do partido passou para posições sociais-chauvinistas. Havia no partido uma corrente centrista, dirigida por J. Longuet, que defendia as posições do social-pacifismo, e também uma ala esquerda, revolucionária. Depois da Revolução de Outubro, desencadeou-se no partido uma aguda luta entre os reformistas e os centristas, por um lado, e a ala esquerda, reforçada devido à entrada massiva de simples operários para o partido, por outro lado. No congresso do partido realizado em Dezembro de 1920 em Tours, a ala revolucionária alcançou a maioria. O congresso tomou uma decisão sobre a adesão do partido à Internacional Comunista e fundou o Partido Comunista Francês. A minoria reformista-centrista separou-se do partido e criou um partido independente, mantendo o antigo nome Partido Socialista Francês.

Por outro lado, o imperialismo anglo-francês ameaça com um ataque à Rússia e apoia os Krasnov, os Dútov, apoia a restauração da monarquia na Rússia e pensa enganar o povo livre. Sabemos que no aspecto militar os imperialistas são mais fortes do que nós. Isso já o sabíamos e dizíamos há muito. Chamámos todos a ajudar o Exército Vermelho para se defender e repelir os abutres e bandidos. Mas quando nos dizem: «Se o imperialismo anglo-francês é mais forte, isso quer dizer que a nossa causa está perdida» - nós respondemos a essas pessoas: «Mas lembrai-vos do tratado de paz de Brest. Não gritava então toda a burguesia russa que os bolcheviques vendiam a Rússia aos alemães? Não gritavam então que os bolcheviques, contando com revolução alemã, contavam com uma miragem, com uma fantasia?» E aconteceu que o imperialismo alemão, que era incomparavelmente mais forte do que nós, que tinha todas as possibilidades de pilhar a Rússia porque nós não tínhamos exército e o velho exército não podia nem sabia combater, porque as pessoas estavam tão extenuadas pela guerra que não tinham forças para combater, e todos os que conhecem o que então se passava sabem que nós éramos então completamente incapazes de nos defendermos e, portanto, todo o poder sobre a Rússia podia cair nas mãos dos abutres do Kaiser alemão - aconteceu que ao fim de alguns meses os alemães estavam tão atolados nessa Rússia, encontravam aqui uma tal resistência, uma tal agitação entre os soldados alemães, que agora, como me disse Zinóviev, presidente da Comuna do Norte⁴ em Petrogrado, quando os representantes da Alemanha fugiram da Rússia, o cônsul alemão disse: «Sim, agora é difícil dizer com exactidão quem mais ganhou, nós ou vós.» Ele viu que os soldados alemães, que eram muito mais fortes que nós, tinham sido contaminados por este contágio bolchevique. E a Alemanha foi agora envolvida pela revolução, ali luta-se pelo poder soviético. E o tratado de paz de Brest, que foi declarado como sendo a completa derrota dos bolcheviques, verificou-se que foi apenas uma transição para uma situação em que agora, depois de nos termos consolidado na Rússia, iniciámos a criação do Exército Vermelho; as tropas da Alemanha foram contaminadas pelo bolchevismo, e as suas aparentes vitórias revelaram-se apenas um passo para o colapso total do imperialismo alemão, revelaram-se uma fase transitória para o alargamento e o crescimento da revolução mundial.

Na altura do tratado de paz de Brest estávamos sozinhos. Toda a Europa considerava a revolução russa um fenómeno excepcional; na Europa pensava-se que a nossa revolução, essa «revolução asiática», se iniciou tão rapidamente e derrubou o tsar porque a Rússia era um país atrasado e passou tão rapidamente à expropriação da propriedade, à revolução socialista, devido ao seu atraso; mas esqueceram-se de que a revolução russa tinha uma outra causa: a Rússia não tinha outra saída. A guerra provocou por toda a parte uma tal ruína e uma tal fome, um tal enfraquecimento do povo e do exército, que compreendiam que haviam sido enganados durante tanto tempo, que a Rússia tinha uma única saída - a revolução.

Diziam aos alemães que era necessário defenderem-se contra uma invasão russa. E agora essa mentira é de dia para dia cada vez mais desmascarada. Os capitalistas e os generais da Alemanha lançaram as suas tropas contra a Rússia mesmo quando ela se tornou um país socialista. E foi precisamente então que se tornou claro, mesmo para o soldado alemão mais ignorante, que durante os quatro anos da guerra o enganaram e o lançaram na guerra para que os capitalistas alemães pudessem pilhar a Rússia. Aquilo que provocou o colapso do imperialismo alemão, aquilo que provocou a revolução na Alemanha é a mesma coisa que agora aproxima em cada dia e em cada hora a revolução em França, na Inglaterra e noutros países. Nós estávamos sozinhos. Agora já não estamos sós. Agora há a revolução em Berlim, na Áustria, na Hungria; até na Suíça, na Holanda e na Dinamarca, nesses países livres que não conheceram a guerra, até neles cresce o movimento revolucionário, aí os operários exigem já a criação de soviets. Verificou-se agora que não há outra saída. A revolução amadurece em todo o mundo. Nós fomos os primeiros nessa obra e a nossa

4 «Comuna do Norte» (Liga dos Comunistas da Região Norte): unidade territorial administrativa na Rússia soviética em 1918 e princípio de 1919. Faziam parte da Comuna do Norte as gubérmias de Nóvgorod, Arkhánguelsk, Vologdá e algumas outras. A partir da segunda metade de 1918 manifestaram-se cada vez mais tendências localistas, na actividade da direcção da Comuna do Norte.

missão é defender esta revolução até que cheguem os nossos aliados, e esses aliados são os operários de todos os países europeus. Esses aliados estarão tanto mais próximos de nós quanto mais os seus governos ultrapassarem os limites.

Quando os alemães se consideravam senhores, na altura do tratado de paz de Brest, eles estavam a um passo da sua destruição. E agora a França e a Inglaterra, que lhes impuseram condições de paz muito mais duras e humilhantes do que a Alemanha então nos impôs, agora estão à beira do abismo. Por mais que eles mintam, agora estão a alguns passos da sua destruição. Eles temem essa destruição, a sua mentira desmascara-se cada vez mais de dia para dia, e nós dizemos: por mais que esses imperialistas mintam nos seus jornais, a nossa causa é sólida, mais sólida do que a deles, pois ela apoia-se na consciência da massa dos operários de todos os países: essa consciência nasceu da guerra, que inundou de sangue o mundo inteiro ao longo de quatro anos. Os velhos governos não podem escapar desta guerra. Os velhos governos dizem agora que estão contra o bolchevismo mundial. Os operários sabem o que se passa na Rússia: aí persegue-se os latifundiários e os capitalistas, que chamam em seu socorro os mercenários, os soldados estrangeiros. A situação é agora clara para toda a gente. Os operários de todos os países compreendem-na. E apesar de toda a ferocidade dos imperialistas, apesar da sua exasperação, nós avançamos corajosamente para a luta contra eles e sabemos que cada passo deles no interior da Rússia será um passo para a sua destruição e que lhes acontecerá o mesmo que aconteceu às tropas alemãs, que da Ucrânia, em vez do trigo, levaram o bolchevismo russo.

Na Rússia existe o poder dos trabalhadores, e se o poder não estiver nas suas mãos nunca ninguém conseguirá curar as feridas provocadas por esta guerra dura e sangrenta. Deixar o poder aos antigos capitalistas significa fazer cair todo o peso da guerra sobre a classe trabalhadora para que ela pague todo o tributo por esta guerra.

Presentemente trava-se uma luta entre a Inglaterra, a América e o Japão – a ver o que cada um há-de arrebatado do saque pilhado. Tudo é agora partilhado. Wilson é o presidente da república mais democrática do mundo. Mas que diz ele? Nesse país, à mínima palavra apelando à paz, a multidão dos chauvinistas dispara contra as pessoas na rua. Um padre que nunca fora revolucionário foi arrastado para a rua e espancado até sangrar, apenas porque pregava a paz. E onde domina o terror mais feroz, as tropas servem hoje para estrangular a revolução, para ameaçar esmagar a revolução alemã. A revolução na Alemanha começou há tão pouco tempo, decorreu apenas um mês desde o seu início, mas também ali a questão mais aguda é: Assembleia Constituinte ou poder soviético. Ali toda a burguesia é pela Assembleia Constituinte e todos os socialistas - aqueles que se tornaram lacaios do Kaiser, que não ousaram desencadear a guerra revolucionária - são pela Assembleia Constituinte. Toda a Alemanha se dividiu em dois campos. Os socialistas são agora pela Assembleia Constituinte, enquanto Liebknecht, que passou três anos na prisão, está, tal como Rosa Luxemburg, à frente do *Bandeira Vermelha*⁵. Ontem foi recebido em Moscovo um exemplar desse jornal. Foi recebido com grandes dificuldades e aventuras. Nele vereis uma série de artigos - todos eles, os chefes da revolução, falam neste jornal do engano do povo pela burguesia. A vontade da Alemanha estava nas mãos dos capitalistas. Eles publicavam apenas os seus jornais, e eis que o *Bandeira Vermelha* diz que só as massas operárias têm o direito de utilizar os bens do povo. Na Alemanha, embora tenha decorrido apenas um mês de revolução, todo o país está já hoje dividido em dois campos. Todos os socialistas-traidores gritam que são a favor da Assembleia Constituinte, enquanto os verdadeiros socialistas, os socialistas honrados, dizem: «Nós somos pelo poder dos operários e dos soldados.» Eles não dizem «pelos camponeses» porque na Alemanha uma parte significativa dos camponeses também emprega operários, mas dizem: «pelos operários e soldados». Dizem: «pelos pequenos camponeses». O poder soviético tornou-se já aí uma forma de governo.

5 Die Rote Fahne (A Bandeira Vermelha): jornal fundado por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg, órgão central da Liga Spartakus e depois do Partido Comunista da Alemanha. O jornal publicou-se de 1918 a 1939.

O poder soviético é um poder mundial. Ele vem substituir o velho Estado burguês. Não só a monarquia mas também a república, se ela deixa aos capitalistas a sua propriedade - fábricas, bancos, tipografias, - tal república é uma das formas da pilhagem do povo pela burguesia. E os bolcheviques tinham razão ao dizer que a revolução mundial cresce. Ela desenvolve-se de modos diferentes nos diferentes países. Ela leva sempre muito tempo e é penosa. É um mau socialista aquele que pensa que os capitalistas renunciarão imediatamente aos seus direitos. Não. O mundo ainda não criou capitalistas assim tão bons. O socialismo só se pode desenvolver na luta contra o capitalismo. Ainda não houve no mundo uma classe dominante que tenha cedido sem luta. Os capitalistas sabem o que é o bolchevismo. Dantes diziam: «a estupidez russa e o atraso russo fazem ali truques de magia, dos quais nada resultará. Na Rússia eles correm atrás de fantasmas saídos do outro mundo». Mas agora esses mesmos senhores capitalistas vêem que esta revolução é um incêndio mundial e que só o poder dos trabalhadores pode triunfar. No nosso país criam-se agora comitês de camponeses pobres. E na Alemanha, a imensa maioria são ou assalariados agrícolas ou pequenos camponeses. Os grandes camponeses são muitas vezes na Alemanha uma espécie de latifundiários. Ontem o governo suíço expulsou o nosso representante na Suíça, e nós sabemos o que provocou essa atitude. Sabemos que os imperialistas franceses e ingleses receiam que ele nos tenha enviado diariamente telegramas e relatos acerca dos comícios em Londres, onde os operários da Inglaterra proclamaram: «As tropas britânicas fora da Rússia!» Ele enviava-nos informações também acerca da França. Diz-se que os imperialistas apresentaram um ultimato aos representantes da Rússia. Eles expulsaram também da Suécia os representantes do poder soviético, e estes terão que regressar à Rússia. Mas é ainda cedo para eles rejubilarem. Esta é uma vitória fácil. Esta medida não conduz ainda a nada. Por mais que os «aliados escondam a verdade, por mais que eles enganem o povo, por mais que procurem desembaraçar-se dos representantes da Rússia soviética, no fim de contas o povo conhecerá toda essa verdade.

E nós dizemos-vos: rechaçar com todas as forças os «aliados» e apoiar o Exército Vermelho! É compreensível tudo quanto se passou no nosso país quando não existia o Exército Vermelho. Mas vemos que agora o Exército Vermelho se fortalece e alcança vitórias. Contra o nosso exército erguem-se as tropas inglesas. E o nosso exército tem oficiais saídos ainda ontem da classe operária, que apenas ontem frequentaram pela primeira vez cursos de instrução militar. Quando fazemos prisioneiros, temos muitas provas de que esses prisioneiros, ao lerem a Constituição da nossa república traduzida para inglês, dizem para si próprios: «Enganaram-nos. A Rússia soviética não é aquilo que nós pensávamos. O poder soviético é o poder dos trabalhadores.» E nós dizemos: «Sim, camaradas, nós não combatemos apenas pela Rússia soviética - nós combatemos pelo poder dos operários e dos trabalhadores de todo o mundo.» Enquanto nos contemos a pressão do imperialismo, a revolução alemã reforça-se. A revolução reforça-se também em todos os restantes países. Eis por que razão - seja qual for o nome que lhe dêem na Europa - essa revolução mundial se ergueu em toda a sua estatura e o imperialismo mundial perecerá. E a nossa situação, por mais difícil que seja, inspira a certeza de que não somos só nós que lutamos por uma causa justa, de que temos aliados - os operários de todos os países.

Camaradas, depois destas observações acerca da nossa situação internacional quero dizer ainda algumas palavras sobre outras questões. Quero falar dos partidos pequeno-burgueses. Esses partidos consideravam-se socialistas. Mas não são socialistas. Nós sabemos muito bem que na sociedade capitalista instituições como os bancos, as caixas, as sociedades de socorros mútuos se chamam de «socorro mútuo», mas tudo isso não significa absolutamente nada: de facto, sob essa designação oculta-se a pilhagem. E esses partidos, que pretensamente defendiam o povo, quando a classe operária russa repelia os ataques de Krasnov (este foi preso pelas nossas tropas e liberto, infelizmente, porque os petrogradenses são demasiado magnânimos), esses senhores mencheviques e socialistas-revolucionários de direita estavam ao lado da burguesia. Esses partidos da pequena burguesia nunca sabem para onde ir, para o lado dos capitalistas ou para o lado dos operários. Esses partidos são compostos por pessoas que vivem na esperança de que um dia ou outro enriquecerão.

Eles observam constantemente como em seu redor a maioria dos pequenos patrões vive mal, são todos povo trabalhador. E eis que esses partidos, que estão dispersos por todo o mundo, esses partidos pequeno-burgueses começaram a vacilar. Isto não é novidade. Sempre foi assim e é também assim no nosso país. Quando do tratado de paz de Brest – o período mais difícil da nossa revolução, quando não tínhamos exército e tivemos que concluir a paz mas dizíamos para nós mesmos: não interromperemos o nosso trabalho socialista nem por um momento - todos eles se afastaram de nós. Eles esqueceram-se de que a Rússia fazia os seus maiores sacrifícios pela revolução socialista e passaram para o lado dos partidários da Assembleia Constituinte. Apareceram partidários da Assembleia Constituinte em Samara, na Sibéria⁶. Agora estão a expulsá-los dali e a mostrar-lhes que haverá ou o poder dos latifundiários ou o poder dos bolcheviques. Não pode haver meio termo. Ou o poder dos oprimidos ou o poder dos opressores. O campesinato pobre só nos pode seguir a nós. E só nos seguirá quando vir que não temos contemplos com o velho regime e tudo fazemos para a prosperidade do povo. Só um tal poder dos soviets podia ter o apoio do povo durante este ano, apesar das difíceis condições e da fome. Os operários e os camponeses sabem que, por mais dura que seja a guerra, o governo operário e camponês fará tudo o que é possível contra os exploradores capitalistas, para que todo o peso da guerra recaia não sobre os ombros dos operários mas sobre os ombros desses senhores. E eis que o poder dos operários e camponeses é apoiado pelo povo há já mais de um ano.

Agora que começou a revolução alemã, começou uma viragem entre os mencheviques e os socialistas-revolucionários. Os melhores deles aspiravam ao socialismo. Mas pensavam que os bolcheviques perseguiam um fantasma, uma fábula. E agora convenceram-se de que aquilo que os bolcheviques esperavam não é um fruto da fantasia mas uma realidade efectiva, de que essa revolução mundial começou e cresce em todo o mundo e os melhores dos mencheviques e socialistas-revolucionários começam a arrepender-se de terem errado e começam a compreender que o poder soviético não é um poder apenas russo mas um poder mundial dos operários, e que nenhuma Assembleia Constituinte trará a salvação.

A Inglaterra, a França e a América sabem que agora que a revolução mundial eclodiu, não tem inimigos externos. Eles estão no interior de cada país. Inicia-se agora uma nova viragem, em que os mencheviques e socialistas-revolucionários de direita começaram a vacilar e os melhores deles são atraídos para os bolcheviques e vêem que, por mais que aqueles jurem pela Assembleia Constituinte, estão de qualquer modo do lado dos brancos. Em todo o mundo, a questão coloca-se agora do seguinte modo: ou o poder soviético ou o poder dos salteadores, que exterminaram dez milhões de pessoas nesta guerra, fizeram vinte milhões de inválidos e continuam agora a pilhar outros países.

Ai está, camaradas, a questão que provoca as vacilações da democracia pequeno-burguesa. Nós sabemos que esses partidos vacilam sempre e sempre vacilarão. A maioria das pessoas retiram as suas convicções da vida e não acreditam nos livros nem nas palavras. Nós dizemos ao camponês médio: tu não és nosso inimigo; não temos motivo para ofendê-lo e se em qualquer parte o soviete local atinge duramente um camponês médio e este se ressentir, é necessário dissolver esse soviete, pois ele não sabe actuar como é necessário actuar. A democracia média, pequeno-burguesa, vacilará sempre. E se ela, como um pêndulo, oscilou para o nosso lado, é preciso apoiá-la. Nós dizemos: «Se estragardes o nosso trabalho, não vos queremos. Mas se nos ajudardes, aceitamos-vos.» Existem diferentes grupos de mencheviques, existe o grupo dos «activistas». É uma designação latina, e sob ela ocultavam-se aqueles que diziam: «Não basta criticar. É preciso ajudar pela acção.» Nós dizíamos: lutaremos contra os checoslovacos e seremos implacáveis para com aqueles que os

⁶ Em Samara (actual Kúibichev) foi organizado em Julho de 1918 um governo contra-revolucionário de guardas brancos, socialistas-revolucionários e mencheviques, o chamado Comité de Membros da Assembleia Constituinte. No Outono, desse mesmo ano, sob os golpes do Exército Vermelho, esse governo deixou de existir. Em Janeiro-Novembro de 1918 existiu na Sibéria um «governo» contra-revolucionário socialista-revolucionário – o «Governo Provisório da Sibéria Autónoma»

ajudem. Mas quando há pessoas que compreenderam o seu erro, então devemos aceita-las, devemos tratá-las com indulgência. Aquele que se encontra no meio, entre o operário e o capitalista, vacilará sempre. Ele pensava que o poder soviético em breve seria quebrado. Na realidade aconteceu de modo diferente. O imperialismo europeu não consegue quebrar o nosso poder. A revolução desenvolve-se agora à escala internacional. E presentemente nós dizemos: aqueles que vacilaram, que hoje compreenderam e viram o seu erro, venham para o nosso lado. Não vos repudiaremos. Devemos antes de mais dedicar toda a nossa atenção a que essas mesmas pessoas, quem quer que elas tenham sido anteriormente, tenham ou não vacilado, se são sinceras connosco, venham para o nosso lado. Nós somos agora suficientemente fortes para não recear ninguém. Havemos de digerirlos todos. Mas eles não nos digerirão. Lembrai-vos de que as vacilações desses partidos são inevitáveis. Hoje o pêndulo oscila para lá, amanhã oscila para cá. Nós devemos manter-nos o partido proletário dos operários e dos oprimidos. Mas dirigimos agora toda a Rússia, e o nosso inimigo é apenas aquele que vive do trabalho alheio. Os restantes não são nossos inimigos. São apenas vacilantes. Mas, os vacilantes ainda não são inimigos.

Agora, mais uma questão. A questão dos alimentos. Todos sabeis que a situação alimentar no nosso país, que melhorou um pouco no Outono, se está a deteriorar de novo. O povo passa novamente fome, e na Primavera a situação agravar-se-á ainda mais. E agora os nossos transportes ferroviários estão muito desorganizados. Para mais, eles estão agora sobrecarregados com os prisioneiros que regressam à pátria. Vindos da Alemanha acorrem presentemente para a Rússia dois milhões de homens. Estes dois milhões estão martirizados e exaustos. Eles passaram fome como ninguém mais. Não são homens, mas sombras, esqueletos de homens. Os nossos transportes estão ainda mais destruídos pela guerra interna. Não temos locomotivas, não temos vagões. E a situação alimentar torna-se cada vez mais grave. E perante esta grave situação, o Conselho de Comissários do Povo disse para si próprio: se temos agora um exército e uma disciplina estabelecida pelas células do partido existentes em cada regimento, e a maioria dos oficiais são agora oriundos dos operários e não «filhos-família»; se são oficiais que compreenderam que a classe operária deve dar pessoas que dirijam o Estado e oficiais vermelhos, então o exército socialista será verdadeiramente socialista, em que haverá um quadro de oficiais renovado pela participação de oficiais vermelhos. Nós sabemos que agora se iniciou uma viragem. Existe um exército. Há nele uma nova disciplina. A disciplina é apoiada pelas células, pelos operários e comissários, que às centenas de milhares partiram para a frente e explicaram aos operários e camponeses as causas da guerra. Tal é a causa da viragem no nosso exército. Eis por que razão ela se manifestou com tanta força. Os jornais ingleses dizem que encontram agora na Rússia um inimigo sério.

Sabemos bem como é mau o nosso aparelho de abastecimento. Nele infiltraram-se determinados grupos que intrujam e têm intrujado e roubam. Sabemos que, na massa dos ferroviários, todos aqueles que assumem todo o peso do trabalho, estão todos eles do lado do poder soviético. Mas os da camada superior apoiam o velho regime - ou sabotam ou trabalham com indolência. Camaradas, sabeis que esta guerra é uma guerra revolucionária. Para esta guerra devem ser atraídas todas as forças do povo. Todo o país deve transformar-se num campo revolucionário. Que todos ajudem! E essa ajuda não consiste apenas em que todos vão para a frente, mas também em que a classe do Estado, que conduz todos à libertação, que apoia o poder soviético, em que ela governe, porque só ela tem o direito de o fazer. Sabemos como essa tarefa é difícil, quando a classe operária esteve tanto tempo afastada não apenas da governação mas também da instrução, sabemos como é difícil para ela aprender tudo de uma vez. No domínio militar, o mais difícil e perigoso, a classe operária realizou no entanto essa viragem. É uma viragem semelhante que os operários conscientes devem ajudar-nos a realizar tanto no abastecimento como nos transportes ferroviários. É preciso que cada ferroviário e cada funcionário do abastecimento se considere como um soldado no seu posto. Ele deve lembrar-se que trava uma guerra contra a fome. Ele deve rejeitar os velhos hábitos burocráticos. Foi recentemente decidido instituir uma inspecção operária do abastecimento. Nós dizemo-nos - para que se inicie uma viragem no aparelho ferroviário, para fazer dele uma espécie

de Exército Vermelho, é necessária participação dos operários. Chamai os vossos homens. Organizai cursos, instruí-os, fazei deles comissários. Só eles, se derem os seus militantes, só eles conseguirão fazer com que do exército de velhos funcionários nós obtenhamos no domínio do abastecimento uma espécie de exército vermelho socialista, dirigido pelos operários e trabalhando não à força, mas de boa vontade, tal com na frente trabalham e morrem os oficiais vermelhos, sabendo que morrem pela república socialista.